“Sabia as **consequências**, *mas não achei que aconteceria* **comigo**”

Especial

POR AILIM CABRAL

“Na hora, não pensei em nada disso, estava no calor do momento”; “tinha toda a informação, claro, mas achava que não aconteceria comigo”; “quando somos jovens, não pensamos no depois ou nas consequências, só no agora.”

Essas são algumas das frases repetidas pelas jovens com as quais a *Revista* conversou sobre gravidez na adolescência. E seja em 1980, em 1990 ou em 2022, esse é o tipo de pensamento que passa pela cabeça de grande parte dos adolescentes com vida sexual ativa.

O acesso à informação nunca foi tão fácil e, ainda assim, os números são preocupantes. No Brasil, a taxa de gestantes com menos de 17 anos é de 57%. Embora os números de gravidez na adolescência tenham caído em todo o mundo — e o Brasil segue essa tendência —, entre os países em desenvolvimento, temos um dos piores índices, comparados aos da África Subsaariana, onde a taxa passa dos 60%.

“Entre as reduções, o Brasil tem índices menores do que a Índia e o Paquistão. Os nossos indicadores estão próximos aos do Sudão. Sendo assim, apesar da diminuição nos casos, isso não é motivo de comemoração”, alerta o médico hebiatra Benito Lourenço, chefe da Unidade de Adolescentes do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC/FMUSP).

Os dados fazem parte do relatório do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) de 2022, que traz uma análise sobre os países em desenvolvimento e mostra que, nestes, mais de 30% das gestações são de adolescentes, idade compreendida entre 10 e 20 anos no estudo.

Igualdade de gênero

O relatório Unfpa de 2022 tem como uma das missões que todas as gestações sejam desejadas e esse objetivo passa diretamente pelo empoderamento, a plena igualdade e a autonomia das mulheres. No prefácio do documento, Natalia Kanem, diretora executiva do Fundo de População das Nações Unidas, ressalta ainda que “nos últimos anos o mundo viu uma vasta expansão na disponibilidade de contraceptivos modernos e eficazes — uma das maiores conquistas de saúde pública na história recente” e, então, questiona por que quase metade de todas as gestações são involuntárias.

E a solução para esse problema, principalmente quando envolve adolescentes, está intimamente ligada à saúde sexual e reprodutiva, à igualdade de gênero e à autonomia de mulheres e meninas adolescentes que assegurem a tomada de decisões conscientes sobre relações sexuais, o uso de contraceptivos e cuidados com a saúde reprodutiva.

Ao buscar soluções, é importante identificar quais são os principais obstáculos para um diálogo mais aberto — e, sobretudo, eficaz — no que diz respeito a contracepção para jovens e adolescentes. “Pesquisas originais e novos dados apontam que a vergonha, o estigma, o medo, a pobreza, a desigualdade de gênero, entre outros fatores, prejudicam a capacidade das mulheres e meninas de exercer seu direito de escolha, de procurar e obter contraceptivos, de negociar o uso do preservativo com um parceiro, ou fazer-se ouvir e buscar a realização de seus desejos e ambições”, completa Natalia.

O médico hebiatra Benito Lourenço, em evento promovido pela Bayer em função do Dia Mundial da Contracepção, celebrado em 26 de setembro,